

## A MORTE

Ciro Carlos Antunes

A morte é transcendência, por isso, está além do conhecimento humano. Ela é um dos temas mais abordados pelos estudiosos da teologia, especialmente, quando se trata da dimensão: escatológica da pessoa. Nesse sentido, observa-se que na sociedade existem os dominantes e os dominados. Dessa forma, os tiranos controlam o povo pelo medo, assim, pode-se dizer que o medo da morte faz com que as pessoas se submetam a dominação. Nesse sentido, pode-se afirmar que o medo da falência da vida acontece não pelo fato do horror a morte individual e natural do ser humano, mas pelo fato desse horror ser causado pelos tiranos da sociedade atual. Portanto, a aversão a morte é produzida e construída, socialmente.

Neste início de século XXI, após a Revolução Industrial houve diversas evangelizações cristãs por meio dos cristãos em diferentes igrejas, no Brasil e no mundo, por um lado, por outro lado, há os céticos e os ateus, àqueles que duvidam de tudo e os que não creem em Deus. Assim sendo, com o progresso científico, esse mistério adquiriu contornos mais desafiadores, por que há uma oscilação de crê e descrê no divino e na ciência. Por essa razão, quanto mais propostas para elucidar a natureza da morte, mais se confundem as explicações entre céu/inferno e sua relação com o sagrado/profano está associada ao corpo/alma. Por esse viés, entende-se que há o falar brasileiro que ciência e religião não se combinam.

As interpretações dogmáticas acerca da morte parte da premissa de sua concepção religiosa ou ateuista. Ela ocorre pela falência dos órgãos seja por idade ou tragédias tem-se a morte clínica. A morte atribui-se aos inúmeros sentidos simbólicos quando vivenciada na conjuntura cultural e temporal de uma comunidade, por essa razão, sabe-se que a morte é componente da existência humana, motivo pelo qual a medicina trabalha com essa ocorrência como uma parte imanente da profissão, mas ao analisá-la, interiormente, do atual contexto dos progressos nos remédios e procedimentos cirúrgicos, emerge a persuasão de que se as enfermidades que levam à morte serão curadas, acredita-se que com o avanço da ciência consiga a cura para todas e a morte deixe de existir, logo o juramento médico será cumprido em sua to-

talidade conforme Hipócrates, no século V antes de Cristo, acreditava que o médico deve estar para o paciente e não cometer a corrupção.

Os católicos acreditam na salvação da alma na medida que se faz caridade, vive-se com amor e perdoa os que lhes tenham ofendidos, assim, terá a salvação (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2016) Lc 23. Enquanto para os protestantes ou cristãos não católicos acreditam que quanto mais acumulam riquezas na terra é mais um sinal das bênçãos divinas em sua vida pós morte. Os ateus, na perspectiva cética entendia que a vida acontece aqui e agora, que o passado deve ficar para trás, nada de nostalgia ou revolta, e que o futuro é incerto.

A pergunta que orienta a investigação é: por que o ser humano tem medo da morte? Sendo assim, o objetivo é analisar a morte na perspectiva escatológica e médica de acordo Blank (2000 e 2001) e Bíblia de Jerusalém (2016). Sabe-se que a morte é física e moral, individual e coletiva como fato inevitável: fruto da limitação humana e da medicina. Ela é sempre um capítulo presente em todas as idades. Chega a algumas situações ser um aforismo: “a diferença de que a morte é amante dos moços e a companheira dos velhos” (QUEIROZ, ANO, s/p.). Para aqueles é abismo e para esses ela vai se tornando pouco a pouco uma velha amiga em que o corpo começa a sofrer as ações do tempo. Das pesquisas feitas sobre a morte, cientificamente, sabe-se de duas (BLANK, 2000): a morte clínica e a morte cerebral.

No entanto, após a Revolução Industrial surgiram estudos, medicamentos e máquinas capazes de restaurarem a vida humana poucos minutos após a parada do coração e em algumas situações mantê-la indefinidamente (BLANK, 2000). Em seguida os médicos passaram a considerar a morte cerebral como a definição biológica da morte. A falta de oxigênio ou anoxia pode levar a um estado tal de lesão das células cerebrais que a pessoa não pode mais acordar mesmo sob o efeito de estimulação eficiente, apesar de manter seu coração e pulmões em funcionamento. E com a ausência completa da circulação sanguínea no cérebro ocorre a morte cerebral (BLANK, 2000).

Sabe-se que na história da sociedade há pretensão humana de dominar a vida, mas o fato é: em nenhum momento da história o homem tem o domínio dela. Ela não está na esfera de fronteira que se pode demarcar um novo período, acredita-se que ao nascer tem-se uma durabilidade. E como não a dominação a morte finda a vida. Dessa forma, indaga-se: será que os médicos sabem, exatamente, qual é o momento que separa a vida da morte? Porque sabe-se que há casos de pessoas

serem declaradas, oficialmente, como mortas, foram enterradas e depois, por algum motivo os peritos retiraram esses corpos, e, perceberam que estes haviam se mexido no caixão. Desse modo, essa pergunta torna-se de difícil resposta neste trabalho e será objeto de pesquisa para outros trabalhos.

A suspensão dos procedimentos médicos no enfermo é tomada por comissão, pois o "direito de morte" preconiza a interrupção da vida do paciente em morte cerebral ou mesmo nos casos de moléstia terminal para se evitar o prolongamento de sofrimento desnecessário que é uma questão paradoxal e crucial. É a situação que envolve a questão da eutanásia, ou mais precisamente a indução de morte suave em casos especiais que não estão ainda bem definidas pelo conselho de ética e por legislatura vigente (BLANK, 2000).

Dessa forma, o ter medo da idade é a certeza de que a morte é de todo o melhor, vale ressaltar que o processo de morrer é lento e este os homens chamam de viver. Assim sendo, na morte a pessoa encontra-se sua total dimensão do "Eu" vivido e vivificado sobre a transformação da dimensão corporal. Nesse momento, o tempo para de existir como dimensão existencial dessa pessoa. Para ela, a morte significa o seu próprio fim e a agonia de lutar para viver ainda se faz presente em seu corpo, mas não há substância: a vida (ANTUNES, 2012).

Com a morte a pessoa torna-se definida, porque na vida terrena ela sempre tinha à oportunidade de começar o novo. Já a partir da morte nada mais é alterado desse percurso cíclico: nascer, crescer, viver, reproduzir ou não e morrer. Por isso, a vida nunca é estática, é dinâmica. No entanto, evolui-se o homem e a vida.

O homem vive a busca da felicidade e o seu conforto. Acredita-se que a dinâmica está em driblar os problemas, as preocupações e a lutar por aquilo que lhe proporciona prazer por meio da sedução e sensação de liberdade. Nesse sentido, os estudos epistemológicos apontam para as ciências naturais à justificativa da morte, para as religiões, o sagrado e o profano: céu e inferno.

As expressões binômias: mundo sagrado e mundo profano se opõem, aquela se considera o mundo da razão, trabalho, o da violência, interdição, ruptura da vida de culpabilidade. Nesse sentido, o movimento de amor levado ao extremo causa horror e afasta do apego dos bens materiais e imateriais ao ocasionar um movimento de morte (ANTUNES, 2012).

Acredita-se que esse binômio se estende para toda a vida. Dessa forma, a sociedade coloca para si a necessidade de escolha entre viver bem e feliz, ao lado

de pessoas amorosas e que lhe deem prazer e por outro lado, o mundano, onde há ódio, tristeza, dor, crimes, perdição e vícios, por exemplos. Nesse sentido, estar no lado mundano é para a sociedade, a falência da vida (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2016).

Com o declínio dos deuses na Idade Média era uma consciência humana da falta; nessa vitória completa e definida hoje de ateísmo é uma espécie de segunda inocência que se implica, mutuamente, em se achar dono de si, seu fascínio sobre a morte é tão grande que ele é capaz de se transformar em um homem bomba para ser um herói para o seu povo. Verdade essa, que na Idade Média se oferecesse aos deuses a sua vida seria salva.

Em seguida, pode-se afirmar que o ateísmo é à vontade de independência religiosa, um resto de ideal ascético, à sua forma mais severa, mais espiritualizada, mais esotérica e mais original. Desse modo, compreende-se que a fase de seus finais, absoluto, leal e de disciplina de si mesmo na mentira de não fé em Deus.

No modelo helênico escatológico existe a dualidade vida/morte como modelo binário, num segundo plano a *psyche* busca constante do homem para sobrevivência em sonhos e desejos, a alma que si diferencia daquela busca a existência concreta do homem em si mesmo (BLANK, 2000, 2003).

Blank (2000) define eternidade como um agora simultâneo, esse concomitante aos vivos. Por que na morte nasce a convicção de fé. Pois Deus não abandona o homem na morte, mas espiritualiza-o na vida (Os. 13, 14; I Sm. 2, 6 e Sl 73, 21-26). Para esses, ele irão viver na mansão dos mortos na certeza de estar com Deus.

O ato de morrer, aparentemente, é a falência da arte da medicina, pois em nenhum momento da história a medicina teve controle sobre a morte e a partir da Revolução Industrial esse fato deixou de ser ato público assistido para ser privado e algumas vezes com exclusão até dos familiares nos blocos de tratamento especiais como Unidade Intensiva de Tratamento (UTI).

Na Idade Média o morto era composto de mistério, a sociedade velava o corpo com muito respeito. Na Idade Moderna, os necrotérios representam uma nova forma de lidar com o morto: deixa-o nu, abre-se o corpo e pendura, por exemplos. O respeito ao morto é mantido apenas entre os familiares, parentes, amigos, vizinhos e conhecidos.

A morte ficou desprovida de ser assistida e, assim, não se teria mais consciência do fato de a morte ser parte integrante da vida (BLANK, 2000). Tornou-

se ato clínico, perdeu sua dimensão de ser vivo (humano), nesta dimensão foi reprimida pela ciência e evoluções tecnológicas para o conserto do homem, enquanto máquina de órgãos e funções em uma totalidade corporal.

Dessa forma, a ciência como um todo e em especial a medicina retirou a morte do ambiente social e colocou-a nos ambientes privados dos hospitais, exceto os casos de acidentes em que não tem lugar nem tempo. A vida perde o valor quando há ausência da morte nos espaços sociais e públicos. Os seres humanos se tornam mais frios e não pensa em seu fim, por si só.

É verdade que todo vivente tem um sopro de vida que se limita, esse pelo seu nascer e termina em sua descontinuidade: a morte. Essa é reprimida como uma mazela humana. Essa é para a igreja um ciclo litúrgico no templo do advento e para a ciência é o limite da medicina. Pois a partir da morte cerebral não haverá mais vida que não seja a metafísica ou a *nefesh* para a fé cristã (LEIBNIZ, 2009).

Blank (2000) afirma que é a indagação sobre morte está associada à questão do fim e se após o fim haverá ainda alguma outra coisa, ou não. Entre diferentes estudos escatológicos, o existencial da vida humana é fomentado pela morte à medida que o pensamento desse o toma, aniquilará aquilo que se constitui a mais profunda realidade: a vida. No entanto, a morte ainda, no século XXI, é vista, fundamentalmente, como o fim de si, nada a fazer, fica a conceituar a escatologia como a Teologia Doutrina Teológica das últimas coisas, como o juízo final, o reino messiânico, a parusia, que é apresentada num contexto profético ou apocalíptico: escatologia cristã (BLANK, 2000).

No cristianismo, as pessoas temem a morte como se fosse um monstro, algo diabólico, mas segundo Moisés, em 1 Gênesis 2, 17 o homem foi advertido com a seguinte afirmativa: “não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, morrerás indubitavelmente”. Porque nenhuma pessoa está livre do medo perante a morte. A agonia e a luta para continuar a viver ocorre até o último suspiro.

Enquanto isso, o livro de Sabedoria 1,13 afirma que: “Deus não é o autor da morte, a perdição dos vivos não me dá alegria alguma”. Porque Javé não fez o homem para morrer, mas para viver segundo a sua imagem e semelhança (cf.: Gn 1, 26).

A morte é o fim do homem inteiro. É verdade que o ato de morrer é parte integrante do ciclo da vida, tão natural e previsível quanto nascer. Morrer faz parte

do viver. Sendo assim, a morte em sua essência não ultrapassa o significado de viver, mas parece ter essa visão de fato (ANTUNES, 2012). Portanto, a morte passou a ser o remate da vida de todo homem sem distinção de cor, religião e classe social.

O ato de morrer ganhou dimensão ritualística no percurso da história da humanidade. Por esse certame, Elias (2018) afirma que cada sociedade tem seu ritual fúnebre. Na Europa, século XIX, era normal colocar o defunto sentado em uma cadeira e tirar foto dele com a família a sua volta, era uma forma de deixar a imagem como lembrança. Na Índia os corpos são cremados e lançados ao rio. No Japão, o branco representa o luto, a ausência de sangue. Assim sendo, fica evidente que na linha do tempo histórico, pode avaliar e chegar às várias diretrizes sobre o ato de morrer e uma delas que muitas pessoas morreram por amor: seja ele de casal ou da ciência.

O falecer está ligado, intimamente, ao existencialismo humano. Cessar de viver, perder todo o movimento vital, falecer é para o ser vivo algo certo mais que viver. O homem e todo ser vivo nasce para morrer. Ele nasce já morrendo. E o ato de morrer é uma separação para sempre que ao consumir o fato acontece no rito fúnebre: culto, linguagem de gênero, vinhos especiais e negócios.

É verdade que os estudos apontam que os modelos teóricos de interpretação filosófica mostram-se inadequados para responder aos anseios dos homens confrontados com a morte. Assim sendo, “o resultado dos estudos médicos-psicológicos sobre a questão do morrer também não são suficientes para nos proporcionar um ponto de partida satisfatório” (BLANK, 2000, p. 47). Acredita-se que a fé é a recorrência de acreditar na felicidade eterna do morto.

A morte irá sempre desfrutardos modelos teóricos de como viver bem e por muito tempo, nenhum desses manuais científicos, filosóficos tem utilidade na hora em que está prestes a morrer (BATAILLE, 1988). Desse modo, o homem é composto de duas substâncias: corpo que morre e forma: alma que não morre segundo o cristianismo. Eis aqui possibilidades para outros estudos metafísicos da matéria e forma escatológica.

A morte humana não é vista no Nirvana, na paz absoluta, no não ser, no nada, ela é enfiada pelos vivos. De repente, houvesse algo a concretizar que Jesus vive no ar, na molécula e no átomo para resumir a espiritualidade da matéria. Assim sendo, a crença de uma vida depois da morte em face da cultura e religião cristã não significa nada mais do que aumento assustador da responsabilidade, e,

com isso, sentir um terror de proporções desumanas depois da morte, pois ao morrer está frente a frente consigo e ao mesmo tempo definido para julgamento.

Na morte, o homem é aquilo que fez consigo e não tem mais nenhuma possibilidade de refazer algo que o torna diferente do que fora. Ele permanece a-temporal e definido por si, ao encontro com o outro lado de uma face que é Deus e por outro da eternidade inexistência do corpo pelo processo químico de decomposição orgânica.

Nesse sentido, Blank (2000) elucida que na morte o homem fica preso em si de tudo aquilo que ele omitiu e escondeu durante toda a vida. Por essa razão, os mandamentos messiânicos é que ilumina e capacita para fazer o bem, orientando-se no caminho do verdadeiro amor, desse resume a lei mosaica prescrita em: “Amaras o teu próximo como a ti mesmo” (Mc. 12, 31). Por esse viés, esse amor consiste na prática da fraternidade, igualdade e liberdade condicional de viver bem ao encontro do construtivismo tolerante que é o diálogo; forma viável de debater, questionar, argumentar, expor pontos de vistas comuns e divergentes para chegar a um núcleo de viver.

Nesse sentido, o pecado é consequência do mau uso de liberdade que aponte dois caminhos: o livre de todas as regras e o regrado pelas lutas determinadas do Senhor que a igreja lhe aponta, ajuda reestruturar conceitos e significados (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2016). Conforme Gênesis (Gn.2 17) a raiz do pecado está em comer o “Fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn.2 17), na decisão do que é bom e do que é mal. E no plano moral, ético é negar as leis vigentes da sociedade em que está inserida.

Assim, a espiritualidade está inserida na fé que é crer como igreja e crer como a igreja (pessoa santificada). À fé cristã faz-se ao entrar em contato com aquilo que se crê, mas ainda não ver e que não se possui em plenitude. Desse modo, pode-se reiterar que o ato de conhecimento perante Deus na morte é o juízo, na evolução histórica o homem ao morrer chega à fronteira terrena e espiritual. Nesse projeto converge o passado com o presente e ocorre detorando a explosão espiritual: o juízo final.

De acordo o texto de Timóteo (cf.: I Tm.5, 9) afirma que “não nos destroem Deus à ira, mas um a alcançávamos a salvação por nosso Senhor Jesus Cristo”. E o Apóstolo Paulo vai dizer à comunidade de romanos, (cf.: Rm. 8, 38-39) escreve que “nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente

nem o finito, nem os poderes nem a altura, nem a profundidade, nenhuma outra criatura poderão nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus”. Desse modo, segundo os autores a vida está em Jesus Cristo para o cristão.

O encontro com Deus para os primeiros cristãos na morte era a celebração de reencontro festivo, fato que acontece ainda no século XX com os gentis como descreve Ribeiro (2007), em *Maíra*. E, “Deus ordenou-nos que anunciássemos ao povo e testemunhassem que ele é o juiz dos vivos e dos mortos, estabelecido por Deus” (cf.: At. 10, 42), que a perfeição do amor (cf.: I João 4, 17-18) e proibi o castigo. Nesse contexto, sabe-se que mesmo no leito a morte não é compreendida, não é entendida como comando para partir de si para a transformação química: a decomposição.

Segundo a Bíblia Jerusalém, a morte tornou-se um tabú para os cristãos. Onde Deus (Jesus) é abandonado por Deus e aclama: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (cf.: Mc., 15, 34). Nesse versículo percebe-se Jesus na condição humana. Parece-lhe desamparado por Deus, mas não agi pela emoção, mas pelo sublime.

O amor de Deus para com o ser humano é infinito. Só aquele pode dar a vida (cf.: Lc. 20, 38; Mt. 22, 32 e Mc. 12, 27) e nessa certeza de que a vida se estende para além da morte encontra, exclusivamente, na fé. Nesse acreditar, encontra-se a base para a esperança de que a vida não se perde no vazio, no nada da vida (cf.: I Cor. 6, 14; Rm. 8,11).

A morte significa o óbito do homem por completo, assim, tanto morre o corpo, como a alma humana. Assim sendo, a relação existente entre agressão e repressão da angustia da morte, como dito por Sigmund Freud deve excitar uma reflexão de separação e que se vive para morrer. Desse modo, na morte, o homem inteiro está sendo transformado de matéria para substância e nesse processo de transfiguração que surge a ressurreição. Por esse viés, pode-se afirmar que a morte não é só a aniquilação do corpo, ela é, ao mesmo tempo, uma aniquilação da alma.

O homem tem medo de encarar a morte e de conhecer as minúcias que levam o corpo a perder as vitalidades. Para aqueles que ficaram em coma durante anos, onde estavam a sua mente? Sua alma? Seu espírito? Aquele que voltaram do seu estado de como dizem que não percebiam nada, alguns tinham apenas vagas lembranças e percepções de sons daquilo que acontecia no ambiente hospitalar.



Em suas pregações, Jesus questionou (cf.: Mc 8, 36-37): “Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar a sua vida? O que dará um homem em trocar de sua vida?”. Literalmente, faz uma alusão à plenitude da resposta seria deteriorar sua alma que tem seu vocábulo e léxico de origem grega com significação de igualmente vida (alma).

Segundo o cristianismo a ressurreição do homem na morte significa a transformação completa e integral da pessoa humana que apesar dessa transformação mantém à sua identidade (BLANK, 2000) e para a ciência há o reestabelecimento da saúde de um paciente por meio da melhora de seu quadro clínico que é apresentado por meio de diagnóstico e intervenção médica quer em medicamentos ou intervenção cirúrgica.

Na carta de São Paulo aos coríntios, (cf.: I Cor. 15, 35), fica a questão de como ressuscitar os mortos? Assim, afirma que a ressurreição da pessoa humana eterna e integral. Ela não reviverá, mantém cadáver, mas uma transformação completa e total do ser humano. Pois, esse é o ser humano vivo. Enquanto, a morte é uma ruptura completa, é sempre um produto da decomposição da descontinuidade da vida, ao passo que essa é uma negação da vida.

E, assim, a morte não seduz as vistas, não subjuga os homens, não os mencionam a história em suas páginas luminosas ou sombrias; o vão do telhado que abrigaram a prole, o rochedo em que pousaram são testemunhas únicas e passageiras de felicidades de alguns dias que vivera. Quando a morte a colhe, vai ele pousar na cavidade comum da eternidade onde o mesmo perpetuará no reino da glória como um capitão que em seus momentos de honraria recebeu uma medalha ou é promovido a um cargo superior ao que ocupava, por essa razão, entende-se que após a morte a alma estagna-se no tempo e no espaço para no juiz final receber a misericórdia de Deus para subir ao céu e estar ao lado d'Ele com toda a felicidade substancial de “espírito”.

Assim sendo, o justo sente-se pressionado em tal situação: é a vida melhor que a morte ou essa melhor do que aquela. Assim, sente-se pressionado dos dois lados: por uma parte, desejaria desprender-se para estar com Cristo o que será, imensamente, melhor; mas, de outra, continuar a viver é mais necessário por causa de vós para perpetuar a tua palavra e a Boa Nova na consolação da fé (cf.: Pv., 14, 32).

E, assim, o medo? O medo é uma intolerância das forças. E o preconceito desfaz-se; basta à simples volta da consciência, do espírito sobre si para exame de seu próprio conteúdo. O homem nasce nu, cresce, reproduz, envelhece e tem sua prole, mas o destino final é inevitável: com a morte fica nu, novamente. Mesmo que não viveram todas as fases da vida.

A ideia de acumular bens teve início na Idade Média e fortaleceu na sociedade moderna ocidental. Muitas culturas que estão fora do processo de globalização não acumulam bens materiais ou imateriais, pois sabem que daqui nada se leva. O homem não é dono de nada. A Igreja Católica, na Idade Média, pregava que o fato de trabalhar é uma condenação ao próprio corpo. A palavra trabalho vem do latim, como *tripalium*, instrumento de três paus, por que trabalho era instrumento de tortura (RODRIGUES, 2018).

Por essa razão, o justo morre tanto quanto o pecador, mas o julgamento é diferente segundo a Sagrada Escritura e o Cristianismo. O justo irá para o paraíso, o injusto ficará no inferno, juntamente, com Belzebu. Mestre dos maus. Desse modo, na literatura apocalíptica usa muitos símbolos, imagens e elementos místicos para descrever o surgimento final do Reino de Deus, concomitantemente, com a morte, aqueles pelos quais a ciência não reconhece como elementos científicos, mas literárias como discussões reais, tirado de seu contexto.

Estudiosos precursores, como: Tomás de Aquino, Santo Agostinho, *Lessing* (poeta e teólogo no século XVIII) e Immanuel Kant revelaram essas dualidades do homem em seus processos evolutivos. Assim sendo, essas respostas bases não se encontram em teorias de planejamento dedutivo humano, porém nas grandes revelações bíblicas sobre os planos de Deus em relação à vida, a fé, a morte e o pecado.

Portanto, o homem mortal e vivente. Conclui-se ao afirmar que o cume do ser na morte não se revela na sua integridade, senão no movimento de transgressão em que o pensamento fundado pelo cristianismo, pelo Deus vivo no desenvolvimento da consciência de si, finda por ultrapassar a vida, ao saber que nunca lhe pode subordinar a ruptura binominal de vida/morte e que estudos nenhum no presente apontam para uma vida terrena infinita. Morrer é atingir o seu ápice vitalício, consumir, falecer, decompor, passar por processos metafísicos e cosmológicos.

Na epistemologia da antropologia cristã é sabido que o momento da morte de toda a pessoa consiste na definitiva perda da unidade constitutiva de corpo e

espírito. Com efeito, cada ser humano vive, precisamente, enquanto ele é. Contudo, do ponto de vista clínico, a única maneira correta, e, a única possível é a de abordar o problema da confirmação da morte de um ser humano é dedicar a atenção e a pesquisa na individuação dos adequados através dos sinais da morte, conhecidos através da sua manifestação física no sujeito individual. Isso possibilita ao médico dar uma definição clara e precisa de morte e do momento da morte de um paciente que expira em estado de inconsciência.

Desse modo, entende-se que o homem é efêmero, nem por isso está livre de ser ceifado precoce ou injustamente. (In)felizmente, nem todos conseguem percorrer seu itinerário vitalício. Assim sendo, a vida é um desafio e mistério, concomitantemente, com a morte, o homem se arrisca em ultrapassar limites e não se importa em morrer. Pode-se afirmar que a morte é pavorosa para quem vive e não para quem morre. Aquela é a dimensão do vivo, nada mais do que deixar de existir para guardá-lo e cair no esquecimento com o fim dos que o conheceram. A morte é um tabu que precisa ser vencido e quebrado com a modernidade em aceitar tal perda de um ente querido.

Por outro lado, a violência, o egoísmo, o individualismo, a competição, a concorrência, a exploração, exclusão, opressão, preconceito e a indiferença tornem as pessoas mais frias ao lidar com a morte. Pois, o outro é visto, na maioria das vezes, como inimigo. Aconselha-se que sejam efetivadas maiores indagações em torno dessa temática, para contribuir para melhor entendimento e compreensão desse tema e ocorrência ao destacar visibilidade de que a morte não é um monstro ou perca, mas necessidade vital do corpo humano chegar ao seu fim.

Torna-se, portanto, indispensável que a temática sobre a morte e o ato de morrer e todos os seus feitos biopsicossociais consistem em ser debatidos por todos os homens e com saliência nas academias, igrejas para propiciar a ciência teóricas e escatológica sobre o tema, e, ajude os profissionais da saúde e os leigos a se preparar para o momento fúnebre e pós-enterro. Embora a morte esteja presente em toda sociedade, poucos questionamentos são feitos em torno dela. Para despertar - se o lado humano é preciso questionar sobre o tipo de vida que se quer viver tanto por especialistas quanto por leigos.

## **Bibliografia**

ANTUNES, C.C. A presença do Erotismo no romance: A Vênus das peles, de Léopold Von Sancher-Masoch. In: SALEM, Khalil (Org.). Pedagogia da Linguagem. São Paulo: Fiuza, 2012. (Coletânea Acadêmica de Estudos em Letras e Educação - CA-ELE), pp. 135-144.

BATAILLE, Georges. O Erotismo. Tradução de João Bénard da Costa. 3ª ed. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** Nova edição ampliada e atualizada. 6ª impressão. São Paulo: Paulus, 2010.

BRANK, RenoldJ.**Escatologia da pessoa:** vida, morte e ressurreição. (Escatologia I). Paulus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escatologia do mundo:** o projeto cósmico de Deus: (Escatologia I). :Paulus, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Trad. Ruy Jungmann.Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LAVOISIER, Antoine-laurent[1789].**Tratado elementar de química.** Tradução L. S. P. Trindade. São Paulo: Madras, 2007.

LEIBNIZ, G. W..**Discurso de Metafísica.** Tradução Gil Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MAQUIAVEL, Niccolo. **O Príncipe.** Introd., notas e trad. Diogo Pires Aurelio. São Paulo: Ed.34, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Para além do bem e do mal:** preludio a uma filosofia do futuro: texto integral / Friedrich Nietzsche; trad. Alex Marins.3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

RIBEIRO, Darcy. **Maíra.** 21ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RODRIGUES, Sérgio. **Uma verdade inconveniente:** o trabalho nasceu da tortura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/uma-verdade-inconveniente-o-trabalho-nasceu-da-tortura/>. Acesso em: 01/04/2018 às 14:49.